

## FEIRAS CONVENCIONAIS E ORGÂNICAS: DIFERENÇAS ENTRE PREÇOS DE ALGUNS PRODUTOS DE FLV EM PELOTAS

LUCAS SILVEIRA MENDES<sup>1</sup>, GERMANO ELERT POLLNOW<sup>2</sup>, DANIELLE FARIA SILVEIRA<sup>3</sup>, GABRIELITO RAUTER MENEZES<sup>4</sup>, NÁDIA VELLEDA CALDAS<sup>5</sup>, FLÁVIO SACCO DOS ANJOS<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – lucasilveiramendes@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – germano.ep@outlook.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – danisilveiraf@hotmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – gabrielitorm@gmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – velleda.nadia@gmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – saccodosanjos@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

As feiras-livres existem desde tempos imemoriais, estando diretamente ligadas ao surgimento das primeiras cidades. Após o Concílio da Igreja Católica realizado no ano 563, na cidade portuguesa de Braga, o bispo Martinho decidiu que seria essa a denominação para os dias da semana, o qual considerava uma heresia o uso de deuses pagãos (Lua, Marte, Vênus, etc.) para mesma essa finalidade. Sábado (*shabbat* do judaico) era o dia do descanso e domingo, o dia do senhor. É essa a explicação para uma peculiaridade dos países de língua portuguesa. Todavia, não cabe dúvida acerca da importância das feiras como um elemento fundante das sociedades contemporâneas.

Em estudo realizado no Vale do Jequitinhonha, Ribeiro et al. (2013, p.127) estabelecem que:

A feira livre é uma das instituições mais sólidas de Minas Gerais, principalmente no norte, nordeste e noroeste do estado. Feiras fazem parte da economia e da cultura dessas regiões: abastecem cidades pequenas e distantes das rotas de distribuição de alimentos, escoam a produção dos lavradores e aquecem o comércio urbano com as compras dos feirantes.

Estudo realizado por Anjos, Godoy e Caldas (2005) considera que as feiras devem ser compreendidas como um sistema local de comercialização *sui generis* de abastecimento de frutas, legumes e verduras (FLV). Nesse sentido, reiteram os autores que, apesar de um ambiente desfavorável, as feiras resistem à própria desaparição. Isso porque o cenário que se desenha desde meados dos anos 1970, e que se aprofunda durante os anos 1990, tanto no contexto internacional como brasileiro é de agigantamento do protagonismo das grandes redes de supermercados no abastecimento alimentar urbano. Consoante Guivant (2003:68), a partir dos anos 1990, se observa no Brasil “[...] um processo de concentração do setor varejista, junto com uma maior participação de capital estrangeiro”. Segundo essa mesma fonte, em 2001, as 20 maiores empresas “[...] já dominavam 75% das vendas do setor, e o capital estrangeiro avançou de 16% para 57%”.

O objetivo do estudo realizado por Anjos, Godoy e Caldas (2005) foi justamente buscar explicações para o fato de as feiras-livres de Pelotas não haverem sucumbido a estas mudanças. Segundo afirmam, elas representam um elemento importante na paisagem urbana e a própria cultura alimentar, bem como o local privilegiado para a venda de produtos oriundos de agroindústrias (embutidos, doces, schmiers, etc.) de Pelotas e região.

Todavia, há uma diferença crucial entre feiras convencionais e feiras orgânicas ou agroecológicas. As primeiras são invariavelmente operadas por

comerciantes que vendem produtos cuja procedência nem sempre é conhecida. Já as segundas são constituídas por agricultores familiares que vendem a própria produção e/ou de seus vizinhos. Estes fazem parte de grupos organizados e praticam uma forma de agricultura que exclui totalmente o uso de agrotóxicos e adubos de síntese. O presente trabalho se insere no contexto de pesquisa realizada pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Políticas Públicas para a Agricultura Familiar (NUPEAR-UFPel), ligado ao Departamento de Ciências Sociais Agrárias (DCSA) da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), cujo foco é acompanhar os preços de FLV junto a feiras-livres e supermercados de Pelotas, bem como compará-los com os preços definidos nas Chamadas Públicas realizadas até recentemente (2018) pelos restaurantes universitários da UFPel. No presente trabalho nossa intenção é responder a duas perguntas que consideramos bastante relevantes: em primeiro lugar, há diferenças de preços de FLV entre feiras-livres orgânicas e convencionais? O fato é que existe um consenso de que produtos orgânicos ou ecológicos seriam mais caros devido a uma maior qualidade, menor produtividade e maior emprego de mão-de-obra. Em que medida essa hipótese pode ser confirmada? O objetivo da pesquisa é encontrar respostas a essas e a outras questões.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa envolveu o levantamento de preços em dois supermercados de Pelotas (Big e Guanabara) e duas feiras (Bento Gonçalves e Dom Joaquim) durante os meses de outubro de 2018 a maio de 2019. A primeira feira mencionada é orgânica ou agroecológica e a segunda é convencional. As informações reunidas foram organizadas em banco de dados e analisadas através de teste “t” para amostras independentes, o qual tem como objetivo fazer um comparativo estatístico das médias dos produtos pesquisados (FIELD, 2009). Para realizar as análises estatísticas, foi utilizado o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 25. Nesse trabalho elegemos onze artigos, cujos preços levantados junto às feiras da Bento Gonçalves (próximo ao Hipermercado Big) e à feira orgânica na Dom Joaquim, os quais foram objeto de análise comparativa e teste de médias.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tab.1 indica a estatística descritiva dos dados levantados, contendo preços mínimos, máximos, médios e também o desvio padrão das médias entre os dois canais de comercialização analisados. Os dados mostram certa heterogeneidade nos preços praticados, a qual reflete a sazonalidade da produção e a natureza dos produtos comercializados. No caso das feiras-livres convencionais, a procedência nem sempre é conhecida, dado que a maioria dos feirantes da Bento Gonçalves adquire os produtos junto a grandes atacadistas que operam em entreposto situado na zona norte da cidade. Já no caso das feiras orgânicas ou agroecológicas a origem dos artigos é conhecida, sendo que os produtos seguem os parâmetros definidos pelo Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica (SisOrg). Ainda na Tab. 1, percebe-se que a média de preços dos produtos que apresentaram diferenças reais no período analisado (outubro/2018 a maio/2019) foi sempre maior na feira da Dom Joaquim quando comparados com a feira da Bento Gonçalves. Seis produtos não apresentaram diferenças estatísticas em seus preços praticados nos dois locais analisados. Comparando os preços em ambos os locais, é possível perceber (Tab.2) que existem diferenças nas médias dos mesmos, as quais são consideradas reais e estatisticamente diferentes para os seguintes produtos: alface crespa, cebola,

couve-verde, tempero verde e tomate longa vida. Para averiguar se os resultados encontrados são relevantes, foi calculado o tamanho do efeito, a partir do valor do teste  $t$ , para os produtos que apresentaram diferenças estatísticas das médias dos preços. Desse modo é possível obter uma medida objetiva da importância do efeito.

O valor do coeficiente de correlação calculado é uma medida entre 0 (não existe efeito) e 1 (existe um efeito perfeito). Assim sendo, podemos notar que os efeitos encontrados apresentam alta importância, sendo ambos próximos de 1. Comparando os preços em ambos os locais, é possível perceber (Tab.2) que existem diferenças médias, as quais são consideradas reais e estatisticamente diferentes para os seguintes produtos: alface crespa, cebola, couve-verde, tempero verde e tomate longa vida.

Tabela 1. Preços mínimos, máximos, médios e desvio padrão de onze produtos comercializados na feira da Bento Gonçalves (convencional) e na feira orgânica da Dom Joaquim.

Produtos		Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Alface crespa	Convencional	1,25	1,50	1,39	0,10
	Orgânica	2,00	2,50	2,20	0,27
Beterraba	Convencional	4,00	5,79	4,70	0,73
	Orgânica	3,88	4,50	4,08	0,24
Brócolis	Convencional	3,44	4,25	3,77	0,40
	Orgânica	3,00	4,00	3,53	0,46
Cebola	Convencional	2,68	3,49	3,11	0,29
	Orgânica	4,00	4,00	4,00	0,00
Cenoura	Convencional	3,42	4,79	3,77	0,58
	Orgânica	4,00	4,50	4,10	0,22
Couve-flor	Convencional	3,50	6,07	4,41	0,98
	Orgânica	2,88	4,00	3,44	0,40
Couve verde	Convencional	1,50	2,38	1,75	0,36
	Orgânica	2,00	2,50	2,37	0,22
Laranja	Convencional	2,60	3,15	2,93	0,21
	Orgânica	2,50	3,38	2,97	0,36
Pepino	Convencional	4,48	5,11	4,68	0,28
	Orgânica	4,50	6,00	5,22	0,55
Repolho	Convencional	3,00	4,69	3,44	0,71
	Orgânica	2,38	3,00	2,74	0,26
Tempero verde	Convencional	1,15	1,56	1,31	0,16
	Orgânica	2,00	2,00	2,00	0,00
Tomate L. vida	Convencional	2,86	7,89	5,65	2,21
	Orgânica	7,25	12,00	9,69	2,67

Fonte: Pesquisa de campo (NUPEAR, 2019)

Tabela 2. Teste de Médias Produtos da Feira da Bento Gonçalves e da Dom Joaquim (orgânica)

Produtos	Média	Desvio Padrão	t	Sig. (Bilateral)	Produtos	Média	Desvio Padrão	t	Sig. (Bilateral)
Alface crespa	-0,81	0,25	-7,26	0,00	Couve verde	-0,61	0,34	-4,06	0,02
Beterraba	0,62	0,52	2,66	0,06	Laranja	-0,07	0,27	-0,50	0,65
Brócolis	0,24	0,63	0,85	0,45	Pepino	-0,54	0,68	-1,77	0,15
Cebola	-0,90	0,29	-6,80	0,00	Repolho	0,70	0,58	2,71	0,05
Cenoura	-0,33	0,36	-2,03	0,11	Tempero verde	-0,69	0,16	-9,46	0,00
Couve-flor	0,96	0,78	2,77	0,05	Tomate	-4,37	0,62	14,18	0,00

Fonte: Pesquisa de campo (NUPEAR, 2019)

De acordo com a Tab. 1, percebe-se que a média de preços dos produtos que apresentaram diferenças estatisticamente reais no período analisado foi sempre **maior** na feira da Dom Joaquim quando comparada com a feira da Bento Gonçalves. Os seis produtos restantes não apresentaram diferenças estatísticas em seus preços praticados nos dois locais analisados.

Tabela 3. Cálculo do tamanho do efeito nas médias dos preços

Alface crespa	Cebola	Couve-verde	Tempero verde	Tomate longa vida
0,96	0,95	0,89	0,97	0,99

Fonte: Pesquisa de campo (NUPEAR, 2019)

#### 4. CONCLUSÕES

Os primeiros resultados ainda estão sendo coletados, registrados e analisados. Desse modo, as conclusões que aqui trazemos são ainda em caráter preliminar. Podemos constatar que nem todos os produtos apresentam diferença estatística no preço médio durante o período analisado. O argumento de que os produtos orgânicos são necessariamente mais caros parece não se confirmar na análise dos preços praticados nas feiras convencionais e orgânicas. Alguns produtos (alface crespa, cebola, couve-verde, tempero verde e tomate longa vida) apresentaram preços mais altos na feira orgânica da Dom Joaquim se comparados com a feira da Bento Gonçalves, que comercializa produtos oriundos da agricultura convencional. Nos demais produtos analisados, não se comprovaram diferenças significativas, embora os preços médios de produtos orgânicos fossem inclusive mais baixos do que na feira convencional, porém sem evidenciar diferenças estatísticas.

Além disso, é preciso levar em conta os benefícios que essa forma de agricultura proporciona aos consumidores, às famílias rurais e ao meio ambiente. Para os agricultores e trabalhadores rurais o uso de agrotóxicos está associado a enfermidades graves, incluindo o câncer. Para o meio ambiente a agricultura convencional está ligada à salinização dos solos, à contaminação de aquíferos e à morte de muitas espécies, a exemplo de abelhas e outras espécies de grande importância ecológica. Para os consumidores as doenças associadas aos agrotóxicos são igualmente importantes devido aos resíduos destes produtos nos alimentos de primeira necessidade. A continuidade dessa pesquisa pode trazer subsídios a essa discussão e qualificar esse importante debate.

#### 5. REFERÊNCIAS

- ANJOS, F.S.; GODOY, W. I., CALDAS, N. V. *As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização: Perspectivas e Tendências*. Pelotas: UFPel, 2005.
- FIELD, A. *Descobrindo a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- GUIVANT, J. Os supermercados na oferta de alimentos orgânicos: apelando ao estilo de vida ego-trip. In: *Ambiente & Sociedade*, v. 6, n.2, p. 63-81, 2003.
- RIBEIRO, E. M. et al. As feiras livres do Jequitinhonha, in: Ribeiro, E.M. (org.), *Sete estudos sobre a agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha*, Porto Alegre: UFRGS, p.127-149, 2013.